miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 10, número 2, maio-ago. 2021

OS HERÓIS DE BACURAU: O EMBATE ENTRE O MUNDO MISTURADO ROSIANO E O MANIQUEÍSMO HOLLYWOODIANO

●

BACURAU'S HEROES: THE CLASH BETWEEN THE MIXER WORLD ROSIANO AND THE HOLLYWOODIAN MANICHAEISM

Luiz Carlos MACHADO
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Vanessa Luiza de WALLAU
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 25/02/2021 ● APROVADO EM 13/07/2021
DOI: https://doi.org/10.47295/mgren.v10i2.3265

Resumo

Apesar de as bases da jornada do herói estarem fixadas pelo monomito de Campbell (1949), as representações de heroísmo sofreram forte influência da doutrina cristã do maniqueísmo. A figura do paladino do bem que luta contra as forças do mal são exploradas, fartamente, nas produções cinematográficas hollywoodianas. Guimarães Rosa (1956) na obra *Grande Sertão: Veredas,* oferece um mundo misturado, onde o bem e o mal são inerentes à condição humana. Ambientado também no sertão, o filme *Bacurau* (2019), de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, propõe o embate entre habitantes de um vilarejo

do Nordeste e mercenários estadunidenses. Partindo desse pressuposto, este estudo busca estabelecer um paralelo entre alguns personagens do filme *Bacurau* com o conceito de universo misturado do sertão rosiano, de Arrigucci Jr., com o intuito de traçar um perfil do herói complexo e multifacetado que se distingue das narrativas maniqueístas desenvolvidas pelo cinema hollywoodiano. Para tanto, utilizam-se as contribuições de Arrigucci Jr. (1994) e Candido (1957), a fim de concluir que, nas duas obras, o herói é representado na profundidade da ambivalência humana em um ambiente hostil e real, no qual o herói maniqueísta e limitado é uma mera caricatura.

Abstract

Although the bases of the hero's journey are affixed to Campbell's Monomyth (1949), the representations of heroism were strongly influenced by the Christian doctrine of Manichaeism. The figure of the champion of good who fights against the forces of evil is widely exploited in Hollywood film productions. Guimarães Rosa (1956) in the work *Grande Sertão: Veredas* offers us a mixed world, where good and evil are inherent to the human condition. Also set in the hinterland, the film *Bacurau* (2019), by Kleber Mendonça Filho and Juliano Dornelles, proposes a clash between inhabitants of a northeastern village and American mercenaries. Based on this assumption, this study seeks to establish a parallel between the characters of the film *Bacurau* and the mixed universe of the Rosian hinterland, of Arrigucci Jr, in order to draw a profile of this complex and multifaceted hero that is distinguished from the Manichean narratives developed by Hollywood cinema. To this end, the contributions of Arrigucci Jr (1994) and Candido (1957) were used to conclude that, in both works, the hero is represented in the depth of human ambivalence in a hostile and real environment, in which the hero limited and Manichaean is a mere caricature.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Literatura comparada. Jornada do herói. Maniqueísmo. Guimarães Rosa. *Bacurau*.
Keywords: Comparative literature. Hero's journey. Manichaeism. Guimarães Rosa. *Bacurau.*

Texto integral

Introdução

A imagem de uma figura de liderança, libertação, superação, que reúne uma força além do comum para superar desafios, sempre esteve presente nas narrativas desde os primórdios da tradição oral. Campbell (1949) traçou um estudo extremamente amplo acerca das representações do herói, coletando iconografias dos tempos mais remotos, passando pela cosmogonia e arrematando com conceituações das ciências humanas modernas. Campbell, na ideia do chamado *monomito* ou "a jornada do herói", articula a dinâmica do sonho e do mito, consolidando no herói a ideia que reúne evocações que superam seu tempo.

Campbell não define o herói como representação do bem e do mal, e sim como alguém que consegue vencer suas adversidades pessoais e históricas. Todavia, no imaginário popular, heróis foram transmutados em indivíduos poderosos, defensores do bem, que travam batalhas contra as forças do mal. De acordo com o

Dicionário de Filosofia (2007), no século III da era cristã, a doutrina maniqueísta, proposta por um sacerdote persa, determinou um dualismo radical, separando aqueles orientados pela luz daqueles guiados pelas trevas. Essa definição se alastrou pela literatura ocidental, foi emulada na construção dos paladinos das histórias em quadrinhos e, por fim, definiu os "mocinhos" dos filmes hollywoodianos no século XX.

Guimarães Rosa (1956), em sua obra-prima *Grande Sertão: Veredas*, desconstrói essa visão maniqueísta, ao propor um mundo misturado, no qual bem e mal são manifestações intrínsecas da natureza humana, com base no conceito de Arrigucci Jr. (1994). O romancista cria um universo em que forças antagônicas se entrelaçam nas ações e acontecimentos dos personagens e determina um cenário inóspito e improvável. Riobaldo, seu narrador e protagonista, discorre um diálogo com seu interlocutor desconhecido sobre como não consegue distinguir o que é bom e mau, o que é de Deus e o que é do Diabo.

Nessa mesma esteira, defende-se que o filme *Bacurau* (2019), de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, apresenta uma versão revisitada do sertão rosiano. Ambientada na fictícia cidade de Bacurau, no sertão nordestino, a obra fílmica tem como premissa o enfrentamento da população local ao ataque de um esquadrão de mercenários estadunidenses, típicos de filmes hollywoodianos. As atitudes dos considerados heróis dessa batalha suscitam debates acerca de conceitos como bem, mal, moralidade, justiça, coragem e barbárie.

Diante do encontro desses pressupostos, o presente estudo questiona: A obra cinematográfica *Bacurau* (2019) poderia representar um encontro épico entre homens e mulheres do mundo misturado rosiano e o herói maniqueísta hollywoodiano? A partir desse questionamento, objetiva-se estabelecer um paralelo entre alguns personagens do filme com o universo misturado do sertão rosiano, por meio de análise comparativa, no intuito de investigar representações do herói que se aproxima do monomito de Campbell e se diferencia das produções de caráter maniqueísta, geradas pelo cinema hollywoodiano.

Como justificativa da pesquisa, considera-se a incomensurável importância da obra de Guimarães Rosa para a literatura brasileira, tanto na semiologia social e filosófica que seus personagens e cenários propõem, quanto nas infindáveis contribuições da sua escrita para a teoria literária. Além do mais, procura-se valorizar a produção audiovisual brasileira, tendo em vista o filme *Bacurau* (2019) e o contraste entre os personagens estereotipados dos mercenários estadunidenses e a população humanizada, real, verossímil e ameaçada, encarnando a necessidade da reflexão acerca da visão romantizada dos justiceiros armados, encapuzados e com *collants* coloridos. O diálogo entre as obras sugere uma discussão sobre o herói falho e extremamente humano presente nos romances e contos rosianos, e faz-se pertinente para uma imprescindível iconoclastia moderna.

O herói do monomito e o herói maniqueísta

Campbell, em *O herói de mil faces*, elabora uma estrutura narrativa gerada a partir de uma compilação de elementos e simbologias, pinçadas de mitologias e tradições orais de diversos povos de períodos diferentes. O autor percebeu que "esses símbolos são produções espontâneas da psique e cada um deles traz em si,

intacto, o poder criador de sua fonte" (CAMPBELL, 1949, p. 6). Ao pesquisar representações míticas distintas, havia pontos semelhantes, frutos de trocas culturais de grupos que se conectaram e/ou concepções imaginativas inerentes ao inconsciente humano. De qualquer modo, desde as mais primitivas histórias contadas oralmente, certas passagens e características se repetem e se recriam em torno da idealização de um homem ou de uma mulher que supera seus limites.

A partir desses pontos semelhantes, Campbell organizou o *monomito* ou a "jornada do herói", como ficou popularmente conhecida. Esse monomito consiste nos ciclos que o personagem atravessa para alcançar sua glorificação e ser eternizado por um grupo ou uma sociedade. Cada ciclo, organizado no trinômio separação-iniciação-retorno, caracteriza-se em rituais de passagens que precisam ser superados.

Nas palavras do autor,

> […] um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas — forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes. (CAMPBELL, 1949, p. 17).

O mundo cotidiano é o ponto de partida do herói, que, muitas vezes, é impulsionado a sair desse espaço de tranquilidade por forças que estão fora do seu controle. Querendo ou não, ele acaba em um mundo de aventuras para além das suas compreensões e é necessário aprender a enfrentá-lo rapidamente, pois sua vida e a dos seus depende disso. A cada ciclo superado, o herói adquire mais dons e se torna mais preparado e forte para prosseguir à etapa seguinte. Ao completar sua missão, retorna ao mundo cotidiano, mas com habilidades ou atributos capazes de auxiliar seus companheiros. Ao todo, a aventura do herói possui doze passos, divididos em três limiares (cf. CAMPBELL, 1949).

Essa fórmula, que já estava presente em narrativas ancestrais de Hércules a Moisés, passou a ser explorada na modernidade pela literatura, história em quadrinhos e cinema. Talvez, por terem sido concebidos sob a hegemonia do pensamento judaico-cristão, esses heróis modernos assumem o papel de defensores da bondade e da justiça, algo que não é uma preocupação na construção de Campbell.

Diferentemente daquele construído pelas narrativas modernas, sobretudo, aquelas ligadas à cultura pop, para Campbell, o herói não se caracteriza, necessariamente, como um representante do bem em combate com as forças do mal. Muitas vezes, ele é apresentado quase como um pária da sociedade, ou por seus inúmeros vícios, ou por ser ignorado e ridicularizado por sua comunidade. Além disso, suas conquistas acabam por beneficiar seus aliados, todavia, não significa que esse grupo seja, necessariamente, definido como virtuoso ou não. Ulisses em *Ilíada*, por exemplo, luta ao lado de Agamenon e contra o rei da Tróia. Os gregos, nesta saga, não podem ser exatamente considerados o lado do bem enquanto Tróia, o oposto. Não há bem e mal nesse caso, apenas interesses.

Campbell, nesse sentido, determina apenas que o herói é "[…] o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas" (CAMPBELL, 1949, p. 12). Em outras

palavras, é o indivíduo que, no seu tempo na história, é chamado para combater adversidades. Para isso, ele precisa sair do lugar em que está, atravessar etapas de provação e superação, conquistar o êxito e retornar com ensinamentos. A constante do herói e do vilão, marcada por virtudes e vícios, é uma construção cristã e, sobretudo, maniqueísta.

Foi a tradição cristã que definiu no inconsciente coletivo essa distinção entre o bem e o mal. De acordo com o *Dicionário de Filosofia,* de Abbagnano (2007, p. 641), a doutrina elaborada em torno das dualidades (Deus e Diabo, bem e mal, luz e trevas, virtude e pecado) que muniram o imaginário da cultura ocidental foi determinada no século III da era cristã, pelo sacerdote persa Many Haya (216 - 277 d. C.). Segundo o maniqueísmo, o homem possui duas naturezas: a corpórea, que se liga ao mal, e a luminosa, que é do bem. A retidão e a justiça seriam os requisitos a serem seguidos por aqueles que buscam ser os representantes da luz, não havendo nuances entre esses dois polos.

O herói do mundo misturado rosiano

Esse antagonismo bem delineado do maniqueísmo também é alvo de questionamento na obra de Guimarães Rosa (1956). Em *Grande Sertão: Veredas*, o romancista brasileiro apresenta um narrador/protagonista angustiado com indefinições das forças sobrenaturais e humanas que habitam o sertão. Riobaldo, que inicia sua narração em um debate sobre a existência do diabo e sua intervenção nas ações dos homens, torna-se o eixo da investigação desse universo, no qual forças antagônicas se entrelaçam. Segundo Arrigucci Jr. (1994, p. 10),

> O desejo de Riobaldo de entender as coisas claras, delimitando os opostos, acaba por se defrontar, portanto, com a mistura do mundo. Essa mistura do mundo que o livro exemplifica sobejamente, em variadíssimos aspectos e planos, coloca também uma questão decisiva, que é a mistura das formas narrativas utilizada para representar a realidade de que nos fala.

De acordo com o autor, essa junção de elementos não se limita apenas às forças sobrenaturais; o caráter múltiplo da obra se revela em vários aspectos dos personagens e dos cenários, evidenciando um rompimento da linearidade. É muito comum, nas narrativas de heróis maniqueístas, utilizar-se uma narrativa mais clássica e linear, no entanto, Guimarães Rosa abre um leque de abordagens em seu livro. Candido principia seu ensaio "O homem dos avessos" sobre a obra rosiana, declarando que "cada um poderá abordá-la a seu gosto, conforme seu ofício; mas em cada aspecto aparecerá um traço fundamental do autor: a absoluta confiança na liberdade de inventar" (CANDIDO, 1957, p. 121). O diferencial de obras como as de Guimarães Rosa é a capacidade de adentrar na própria vida que não é linear, nem determinista, é múltipla e misturada.

O ponto de partida de Riobaldo é a existência material do Diabo, figura recorrente na obra, e como ele está misturado nas coisas do cotidiano. Tenta-se entender em quais características da vida o Diabo está presente e em quais está a bondade e a luz, com a cisma de separar as coisas. Nesse intento, o protagonista/narrador relata várias histórias e relembra os personagens que

passaram na sua vida, como, por exemplo, Aleixo das Traíras, personagem que alimentou seus próprios peixes com um velhinho mendigo morto e, posteriormente, foi castigado (no ponto de vista de Riobaldo), tendo seus filhos, os quais amava muito, cegados por uma doença. Atingido por essa desgraça, Aleixo se redime e se torna bom. O "castigo", no entanto, é questionado por Riobaldo, que indaga o porquê de as crianças sofrerem tamanha maldade para que seu pai tivesse uma redenção.

Em outra lembrança, menciona-se sobre Pedro Pindó, um homem "bom" que teve um filho chamado Valtei, que, diferentemente de seu pai, era maldoso desde que nasceu. Pindó e sua mulher se acostumaram a castigar o filho por suas maldades a ponto das surras se tornarem um tipo de entretenimento para os dois. Ambas as histórias são, como afirma Arrigucci Jr., "narrativas em que a ruindade e a bondade se alternam entranhada e inexplicavelmente fundidas, como faces de uma mesma moeda" (ARRIGUCCI JR., 1994, p. 14). Riobaldo, aos poucos, vai desfiando as nuances dessa análise metafísica, termo usado aqui em seu âmbito geral para significar a concepção filosófica do estudo das relações existenciais do ser humano para além do corpóreo conforme Abbagnano (2007), na percepção de que o bem e o mal se encontram igualmente nas pessoas.

Sendo assim, pode-se concluir que o Diabo que Riobaldo tanto procurar, na realidade, encontra-se entranhado nos homens e se manifesta a partir de suas ações movidas por seus interesses, representando um conceito da metafísica rosiana que permeia toda a sua obra e define qual espécie de herói que o sertão produz. O ambiente inóspito, onde a beleza e a rudeza também se misturam, encarrega-se de gerar indivíduos complexos e simples ao mesmo tempo, capazes de grandes proezas e maldades. Apesar de Guimarães Rosa ter se valido de várias fontes romanescas para criação dos personagens do seu livro, eles acabam escapando a qualquer arquétipo, pois "o sertão encaminha e desencaminha, propiciando um caminho adequado a sua rudeza" (CANDIDO, 1957, p. 127). É nessas idas e voltas da vida que o protagonista edifica sua jornada do herói, entre ser ou não ser jagunço, entre o bem e o mal.

Riobaldo procura compreender como essa natureza misturada se dá em cada personagem. Para ele, Hermógenes parece ser o mais demoníaco, pois já nasceu assassino, e o mais misturado, sendo descrito como uma criatura grotesca e híbrida: a junção de cavalo com uma jiboia. Segundo Arrigucci Jr., "a primeira vez que o vê, Riobaldo nota logo, com receio, as dobras ou crespos desse homem, deixando clara a continuidade telúrica e grotesca da imagem disforme dele, que mal assoma do chão [...]" (1994, p. 14). De todos os personagens é o que mais representa o Diabo encarnado, principalmente por ter traído e assassinado seu líder Joca Ramiro, este que Riobaldo diz ter a postura de um príncipe, indicando sua profunda admiração.

Nessa relação, Ribaldo e Hermógenes podem aqui parecer o embate natural entre herói e vilão, entre o bem e o mal. No entanto, ao se unir a Reinaldo/Diadorim, seu querido colega de bando que nada deseja na vida além da morte do jagunço que traiu o chefe Joca Ramiro, Riobaldo decide fazer um pacto com o Diabo. Pretende-se com a atitude faustina, realizada num lugar ermo conhecido como Veredas-Mortas, obter as forças necessárias para vencer um inimigo tão poderoso.

Guimarães Rosa não deixa claro se o pacto realmente acontece. Inclusive, o fato de o narrador não obter resposta durante a cerimônia de invocação lhe faz pensar que a entidade sobrenatural não existe realmente. Diante disso, esse

episódio denota como o herói rosiano não é o exemplo do homem virtuoso, representante das forças do bem, pois recorre às forças demoníacas para superar seu inimigo. Desconstrói-se, de certa forma, a representação arquetípica do paladino justiceiro que caminha para a vitória apoteótica sobre o antagonista. O próprio Riobaldo tem consciência dos seus lados falhos, reconhecendo que "é justamente aquele que já não pode falar exemplarmente de suas preocupações; já não é o homem de bom conselho, a quem pudesse bastar o saber tradicional" (ARRIGUCCI JR., 1994, p. 14). A jornada do herói rosiana é uma travessia errante, cercada de incertezas, na qual Riobaldo não se coloca como exemplo a ser seguido.

Essa característica multifacetada dos personagens preenche o protagonista de dúvidas, que, ao narrar os acontecimentos a seu interlocutor, se perde em devaneios. O debate sobre paixões, integridade, caráter e moral dos personagens é presente em toda a narração. A própria vingança contra Hermógenes, que parece ser justificada dado o motivo honroso, em boa parte se dá devido à paixão pelo colega Reinaldo, que mais tarde se revela como a bela Diadorim. Paixão essa que começa na tortura de Riobaldo por questionar sua masculinidade e termina com a própria indecisão sobre caminho e destino com a morte da companheira.

Nesse ponto, o narrador se vê apenas com a realidade dura do sertão e da vida de jagunço, pois "com Diadorim se vai a poesia do sertão que é a mesma do coração de Riobaldo, a quem toca doravante só o prosaísmo do mundo [...]" (ARRIGUCCI JR., 1994, p. 25). Riobaldo tenta se reconciliar com a própria condição de jagunço e com aquilo que representa o sertão, algo que já não fazia mais sentido. A verdade é que Riobaldo nunca se sentiu integrado a esse mundo de aventuras, como se rejeitasse o papel de herói. Papel esse que, exercido na terra inóspita do sertão, carrega suas incongruências.

O herói do sertão de Bacurau

Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles (2019) recriam esse cenário ameaçador, imprevisível e repleto de simbologias sociais e históricas no filme *Bacurau*. Ambientado no sertão nordestino, precisamente na região oeste de Pernambuco, o fictício vilarejo de Bacurau é um distrito da cidade de Serra Verde, onde habita uma forte e peculiar comunidade. As cenas iniciais revelam Teresa retornando à cidade com um carregamento de remédio a bordo do caminhão pipa de Erivaldo. O diálogo travado entre os dois apresenta a situação da região: miséria, morte, abandono e uma disputa por água da transposição do Rio São Francisco, como podemos perceber neste diálogo retirado do roteiro do filme:

> ERIVALDO (Olha pelo Binóculo.) Pra eu pegar água, tem que ser cinco quilômetro para trás. Eles não deixam. Essa equipe é nova. Lunga e o bando dela atacou faz cinco meses, matou três e conseguiu liberar água. Depois a empresa do governo veio e taparam de novo. E aumentaram o preço pela cabeça de Lunga. (MENDONÇA FILHO, 2020, p. 226).

Logo de início, apresenta-se ao espectador um personagem que já revela as características de um mundo misturado que, como na obra rosiana, não se restringe a relações de moralidade. Lunga, a quem os personagens se referem usando um

pronome feminino, é interpretada pelo ator Silvero Pereira, revelando-se, mais tarde, como uma pistoleira que se identifica como transexual andrógine, alguém que se caracteriza pela combinação de ambos os gêneros - feminino e masculino - e que não, necessariamente, pertence a um ou a outro. A figura de Lunga oscila entre o heroísmo e o banditismo, entre o bem e o mal, o respeito e o medo da população: "[...] Aquela ali é o pés da besta. Sempre foi. [...]." (MENDONÇA FILHO, 2020, p. 225). O respeito se revela nas falas dos personagens, ao tratá-la pelo gênero que se identifica, nos dizeres de que não a entregariam para a polícia e ao recebê-la, heroicamente, na cidade para o confronto final.

Partindo da análise de Arrigucci Jr. (1994), é possível traçar um paralelo entre Lunga e Reinaldo/Diadorim: primeiro, pelo fato de serem dois personagens travestidos e segundo, pela representação da donzela guerreira. Se em Diadorim temos uma mulher travestida do jagunço Reinaldo, em Lunga temos a mulher trans que mantém seu lado masculino para cumprir sua figura de liderança. As duas personagens parecem tecer críticas à representação de que a força e a coragem são características apenas masculinas e suscitam o debate sobre gênero em uma perspectiva para além do corporal, lançando-o ao metafísico.

O povoado de Bacurau, trazido pelo diretor em uma fotografia térrea e sépia que conversa com o tom árido do sertão e com os filmes em preto e branco do Cinema Novo brasileiro, aos poucos vai revelando suas verdades misturadas. O relacionamento de amor e ódio dos personagens: as injúrias proferidas pela Dra Domingas à Dona Carmelita na ocasião do seu velório, apesar de serem amigas de longa data; a relação harmoniosa entre feirantes, professores, músicos, prostitutas e fornecedores de psicotrópicos naturais; o contraste entre o aspecto pitoresco do vilarejo e a presença da tecnologia evidenciada pelos celulares que nunca perdem o sinal, *tablets*, televisores modernos e o carro de som com telão de Led de Dj Urso.

Segundo Cândido,

> Estes diversos planos da ambiguidade compõe um deslizamento entre os pólos, uma fusão de contrários, uma dialética extremamente viva, — que nos suspende entre o ser e o não ser para sugerir formas, mas ricas de integração do ser. E todos se exprimem na ambiguidade inicial e final do estilo a grande matriz, que é popular e erudito, arcaico e moderno, claro e obscuro, artificial e espontâneo. (CANDIDO, 1957, p. 135).

De acordo com o autor, essa natureza paradoxal revela feições humanas muito mais complexas e supera a maçante visão dualista do mundo. Uma narrativa que se vale das condições múltiplas da vida traduz com muito mais veracidade a realidade, além de abordar nuances estéticas muito mais enriquecedoras. Mesmo quando a situação, já complicada, do povoado começa a piorar ao se descobrir uma ameaça vinda de fora, as características do embate entre essas duas forças também não se resumem em apenas uma luta entre heróis e vilões.

Assim como no monomito de Campbell, o herói é forçado a sair do seu mundo cotidiano e cruzar o primeiro limiar, dadas as sequências dos fatos, abalando Bacurau que, forçosamente, empurram os personagens ao confronto. Em escala, primeiro ocorrem assassinatos inexplicáveis de habitantes, seguidos da chegada de

misteriosos forasteiros do sudeste do país, que informam fazer trilha de moto pelo lugar, para depois desvelar a chegada de invasores.

Os invasores que, de início, parecem ser mercenários maquiavélicos e imbatíveis, aos poucos se manifestam como caricaturas de filmes comerciais produzidos, majoritariamente, pelos Estados Unidos. O grupo é um amontoado de clichês estadunidenses que opera entre o supremacista branco, o fanático religioso, o viciado em filmes e jogos violentos e o psicopata armado que invade escolas. O próprio codiretor nos relata que

> [...] Bacurau, felizmente, seguiu firme e estourou o amplificador, primeiro por estarmos no território do cinema de gênero (o Western, a aventura, o sci-fi, o filme de guerra, tudo isso tratado com a língua firme na bochecha). Vilões falam como vilões e agem como vilões [...]. (MENDONÇA FILHO, 2020, p. 18).

Os diretores pesam a mão na construção caricatural desses personagens, reforçando com uma interpretação forçosa e tornando-os quase inverossímeis. Essa característica exagerada parece, propositalmente, demonstrar que o arquétipo maniqueísta é tão falso que não se encaixa nesse mundo misturado do sertão. Em um universo no qual o herói é real e humano, que é confrontado com incertezas e medos, um inimigo tão lugar-comum não pertence a esse mundo. Esse fato é reforçado pela presença de um *drone* usado pelos mercenários em formato de disco voador, criando uma piada visual com o fato de eles serem de outro planeta. Além disso, os invasores são interpretados por atores realmente estadunidenses, uma escolha que dá um tom maior ainda a esse aspecto forasteiro.

Da mesma maneira que Riobaldo concebe a vilania demoníaca encarnada em Hermógenes, em *Bacurau*, o mal se encarna na figura dos invasores. E, assim como em Hermógenes, sua representação é grotesca, fantástica e híbrida, a personificação do que o sertanejo concebe no mito do Diabo. Nos mercenários estadunidenses temos essa solidificação do mito do vilão maniqueísta elaborada por filmes hollywoodianos.

Riobaldo, para enfrentar o mal encarnado, realiza um pacto com o Diabo, se torna mais violento e endurecido e assume a alcunha de Urutu-branco. O fato é que "cumprindo o rito, o narrador parece marcado pelo sinal básico da teoria iniciatória, a mudança do ser" (CANDIDO, 1957, p. 133). Da mesma forma, os moradores de Bacurau, para se igualar ao nível de selvageria do seu inimigo, passam por uma transformação. Damiano, uma espécie de curandeiro da vila, fornece uma semente que produz um frenesi violento nos habitantes. "Estamos sob o efeito de um poderoso psicotrópico. E você vai morrer." (MENDONÇA FILHO, 2020, p. 314). Se em Guimarães Rosa, o contrato com o Diabo é metafísico, em *Bacurau* é químico.

Utilizando essa mesma análise de Candido, a mudança de nome do protagonista rosiano pode ser cotejada no personagem Pacote, que se torna, momentaneamente, um dos líderes da resistência aos invasores, ao lado de Lunga. Pacote é um jagunço moderno buscando redenção, insiste que os conterrâneos, agora, o tratem pelo nome de batismo, Acácio. Seu passado volta à tona com um vídeo da internet mostrando seus atos como assassino de aluguel e, logo em seguida, precisa voltar a ser Pacote para enfrentar os invasores. Acácio, que, no início, se

mostra uma pessoa atenciosa e prestativa, torna-se violento e frio na figura de Pacote.

O desenlace dessa saga, assim como em *Grande Sertão,* é marcado por violência e dor. Lunga e Pacote lideram o massacre dos invasores, transformando os pacatos e unidos habitantes do vilarejo em assassinos cruéis. Mendonça Filho e Dorneles apresentam, assim, com uma violência gráfica, o que acontece ao vilão estereotipado do maniqueísmo hollywoodiano quando ousa confrontar o mundo misturado do sertão.

Considerações finais

Desde a primeira metade do século XX, somos bombardeados, audiovisualmente, por essa emblemática iconografia do herói maniqueísta. Dessa forma, o imaginário popular muniu-se do dualismo antagônico idealizando, messianicamente, desde nossas forças de segurança até figuras políticas, criando representações caricatas que tratam de questões sociais e humanas de maneira superficial. É fato que a literatura e a arte não têm nenhuma obrigação de ser realista ou política, mas não devem ser, sobretudo, limitadas. Imaginar seres irreais e fantásticos é a essência de uma larga porcentagem da literatura universal, mas isso não significa uma superficialidade no debate acerca da consciência humana.

No mundo misturado de Guimarães Rosa, o fantástico e o sobrenatural são resultado do imaginário popular do povo sertanejo mesclado às compreensões da tradição literária. Muitas dessas mesmas fontes serviram de base para a construção do monomito de Campbell (1949), que afirma que todas essas construções advêm da psique humana. Tanto o mito quanto o fantástico são edificados a partir de entendimentos humanos sobre a existência, as relações sociais e o inexplicável, sendo complexos e multifacetados.

Do mesmo modo, em *Bacurau* a ambivalência humana é representada na profundidade dos personagens gerados em um ambiente hostil e real, como o sertão rosiano. São forçados a serem heróis de si mesmos, lutando pela própria sobrevivência. Diante do mal imediato, não há espaço para bondade ou sutileza. Assim como Riobaldo, não veem alternativa a não ser buscar um pacto com forças, nem que sejam malignas, a fim de transmutarem-se em jagunços endurecidos e corajosos.

A violência gráfica de *Bacurau* choca e nos alerta para o modo como nosso prazer catártico se alimenta de sangue, vísceras e cabeças cortadas. A obra cinematográfica grita em alta voz que "um homem vale mais pelo mal que consegue fazer, que pelo bem." (MENDONÇA FILHO, 2020, p. 274), soando como a voz de Riobaldo desencantado com o sertão, após a morte de Diadorim, restando apenas o gosto amargo da realidade. Segundo Arrigucci Jr., esse momento "significa a necessidade de reconciliação do homem sem certezas que luta contra o medo, do herói problemático que foi sempre Riobaldo, com a realidade concreta e social onde deve levar até o fim seus dias" (1994, p. 25). O retorno do herói a sua realidade cotidiana, nesse caso, é assinalado com a aceitação das marcas de sangue que o embate deixou e com o mundo que agora existe: apenas o Sertão.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti (trad.). São Paulo: Martin Fontes, 2007.

ARRIGUCCI JR., Davi. O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa. São Paulo: *Novos Estudos/CEBRAP*, n. 40, p. 7-29, nov, 1994.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Adail Ubirajara Sobral (trad.). São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1949.

CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. *In*: *Tese e antítese*: ensaios. São Paulo: T. A. Queiroz, 2002. p. 121-139.

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Nova Angular, 1994.

MENDONÇA FILHO, Kleber. Três roteiros: O som ao redor: Aquarius: Bacurau. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

Para citar este artigo

MACHADO, Luiz Carlos; WALLAU, Vanessa Luiza de. Os heróis de Bacurau: o embate entre o mundo misturado rosiano e o maniqueísmo hollywoodiano. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 2, p. 922-932, maio-ago. 2021.

Os Autores

Luiz Carlos Machado - Mestrado em andamento em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Área de concentração em Linguagem e Sociedade. Professor da rede pública do Estado do Paraná, da instituição privada Colégio Marista e do Centro Universitário Univel. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5847-6218.

Vanessa Luiza de Wallau - Mestrado em andamento em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, da Unioeste. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Graduada em Letras - Português e Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira do Sul (UFFS). ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2999-7073.